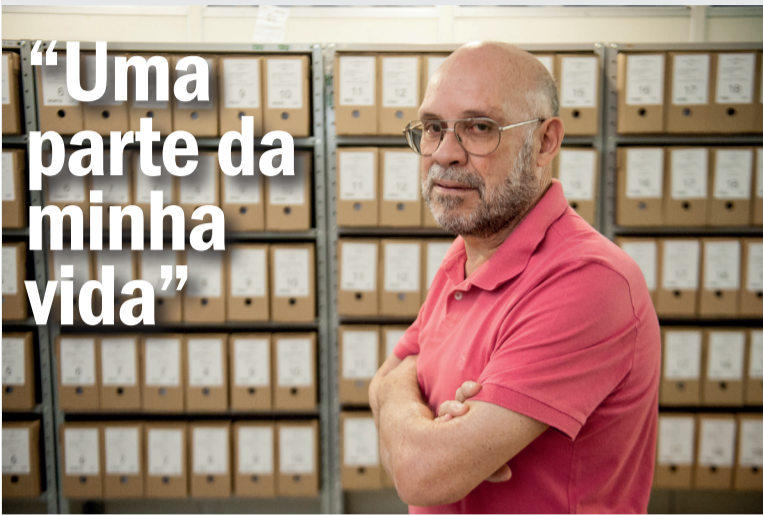


## Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU

“Uma parte da minha vida”



“Se quiser anotar, tá aqui, ó. Início: 1.º de junho de 1973. Fecha 46 anos”, conta Paulo da Silva Eckard orgulhoso, apontando para um pedaço de papel no qual está registrada a sua data de ingresso no Centro de Processamento de Dados da UFRGS, o CPD. Aos 68 anos, o almoxarife é um guardião da história desse lugar que ele mesmo ajudou a construir. Segundo Paulo, o atual salão de festas, que fica nos fundos do prédio, é fruto de uma ideia que teve com alguns colegas. “A proposta inicial era fazer só uma churrasqueira, colocar uma muretinha, um toldinho... Mas aí como ia ser em dia de chuva? Então fecha aqui, fecha ali... em resumo: faz 40 anos que [o salão] tá aí, e até hoje o pessoal usa. Tem freezer, churrasqueira, fogão, pia. Tem tudo.”

O CPD foi criado em 1968 nas dependências da Escola de Engenharia com o objetivo de fornecer à Universidade serviços de Tecnologia da Informação e Comunicação. Em 1970, ganhou nova sede, no antigo estacionamento próximo ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde permanece até hoje. Paulo diz que, nessa época, era muito diferente. “No início, só tinha a sala do sistema, os banheiros e algumas salas. Parecia obra sem acabamento, sabe?” Segundo ele, na área em volta, onde hoje existem a Creche do hospital e o Restaurante Universitário do Câmpus Saúde, havia apenas mato.

Hoje, Paulo é almoxarife, compoando a equipe da gerência administrativa e tendo sob sua responsabilidade o Setor de Manutenção e Segurança do prédio. Quando ingressou na UFRGS, no entanto, operava computadores. Entre outras coisas, seu trabalho era lidar com as máquinas que faziam a leitura dos cartões perfurados. Considerados precursores da memória dos computadores modernos, esses cartões continham informação codificada por meio da presença ou ausência de perfurações em posições pré-definidas e eram

utilizados para o processamento e o armazenamento de dados. Paulo conta que o serviço era prestado principalmente a alunos do curso de Engenharia Eletrônica, mas que o CPD também atendia empresas.

Por conta dos equipamentos e materiais de escritório que se faziam necessários, o almoxarifado, naquela época, era muito maior. Hoje, quase tudo é feito nos próprios computadores, de modo que, nas prateleiras do novo almoxarifado, o que mais se vê são canetas, CDs, DVDs e produtos de limpeza. Ainda que tenha diminuído em tamanho, ele não deixou de ter importância: com o tempo, as demandas foram crescendo, e surgiu a necessidade de se encontrar alguém para assumilo. “Na época, a direção me fez a proposta, porque era algo com que tinha de ter muito cuidado; tinha coisas muito caras, tinha certa responsabilidade, e eu era uma das pessoas mais antigas daqui”, explica.

O fato de ser um veterano, contudo, não o impede de seguir evoluindo. Para ele, o convívio com os colegas lhe ensinou muito, e segue ensinando. “O pessoal que a gente vê entrando tem ideias, pensamentos um pouco diferentes dos que nós tínhamos, mas não vou dizer que já sei tudo. Não sei. Cada dia surge uma novidade, e eu tenho que evoluir, não posso ficar pensando só no meu tempo”, reflete.

Depois de 46 anos, Paulo nutre um carinho especial pelo CPD. Ao pensar na aposentadoria, à qual já tem direito, sorri: “Eu sempre falava pra uma colega: ‘Quando fechar meu tempo de serviço, no dia seguinte tô indo embora.’ Sempre dizia isso, mas não é bem assim. Com 68 anos, sigo aqui, trabalhando, e gosto de vir pra cá. Me sinto bem e, por isso, não tenho vontade de parar. O CPD é uma parte da minha vida”.

Natalia Henkin,  
estudante do 8.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

## Perfil

# Entre andanças e acordes

**Pedro Guerra Pimentel**  
*Mestrando alia aos estudos uma trajetória marcada pela música e por viagens pelo estado*

Pedro Guerra Pimentel é, antes de tudo, músico. Não só porque concilia a música com o cotidiano de oficial de Justiça e o curso de mestrado em Dinâmicas de Desenvolvimento Regional da UFRGS, mas também porque a palavra “antes” pode ser compreendida em seu sentido literal – de temporalidade. Ainda criança, longe de formar-se em Direito e ser aprovado em concurso para oficial de Justiça, brincava com o violão do pai, Airton Pimentel, que também é músico nativista.

Nascido Pedro Leandro Scarparo Silveira, adotou o nome artístico na adolescência. Acompanhando o pai e artistas importantes da cultura gaúcha, como Leopoldo Rassier e Joca Martins, em festivais e apresentações pelo estado, foi natural que a arte fosse o primeiro ofício que conhecesse. Assim começou também a história de Pedro com a Califórnia da Canção Nativa, um dos mais importantes festivais de música do Rio Grande do Sul: em 2014, sua música *O homem dentro do espelho* foi a vencedora da categoria ‘Melhor música da linha livre’ na 38.ª edição do evento. Assim Pedro repetiu o feito do pai, vencedor da edição de 1977 com a canção *Negro da Gaita*, escrita em parceria com Gilberto Carvalho.

Entre os 18 e 35 anos, Pedro tocou em festivais e ‘na noite’, como define. Mas, com a dificuldade de “viver de arte”, decidiu tentar carreira na área do Direito, curso em que ingressou no fim dos anos 90 na Universidade Ritter dos Reis (UniRitter). Teve que atrasar a formatura por um bom motivo: aprovado em um concurso para oficial de Justiça, mudou-se, no ano 2000, para Agudo, no centro do Rio Grande do Sul, onde atuou por quatro anos, até assumir uma vaga em Tramandaí, para facilitar os frequentes deslocamentos até a capital.

No litoral norte, Pedro acaba, de certa forma, repetindo como oficial de Justiça o roteiro de músico: no site voltado à carreira mu-



FLÁVIO DUTRA/JU

sical, atesta que “suas composições retratam temas urbanos, litorâneos, campeiros, históricos do Rio Grande do Sul e suas formações culturais e étnicas”. Na rotina de shows e festivais, conhece cidades grandes e pequenas, encontrando os perfis mais diversos. Já quando faz cumprir decisões judiciais, conhece áreas urbanas e rurais da região em que atua. E as atividades não só acontecem em concomitância como acabam se cruzando. Pedro compôs uma canção que fala do seu cotidiano como oficial de Justiça.

“O oficial é conhecido como ‘longa manus’ (expressão latina que significa o braço técnico ou executor de ordens) do juiz, então eu compus a Milonga Manus, inspirada na minha função: [...] *Investido de fé pra labutar/ Cumpre ordens que manda o juiz./ Intima e orienta o popular,/ E o povo crê no que ele diz./ Esperança ele tem pra mudar./ Observa a miséria e a tristeza./ Tenta com seu trabalho ajudar./ Vê que falta é comida na mesa*”.

**Inclusão** – Da música ao Direito, outro fio condutor que se apresenta claramente na trajetória de Pedro é a regionalidade. E esse interesse se desdobrou: ele agora cursa mestrado em Dinâmicas de Desenvolvimento Regional no Câmpus Litoral Norte da UFRGS.

“Há três anos minha filha fez vestibular, e ela e minha esposa me incentivaram a fazer também. Como sempre gostei de estudar, aceitei e fui aprovado no Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, que cursei por três semestres. Nesse meio tempo surgiu a oportunidade do mestrado. Tranquei a graduação, talvez até um dia volte, mas o mestrado tem tudo a ver com minha trajetória, pois como compositor sempre tentei representar todas as regionalidades da formação cultural do estado. E na formação desse tema litorâneo tem a questão indígena, antes da colonização europeia, e também a negra. Já fiz, por exemplo, alguns maçambiques, que é um ritmo originado no litoral norte gaúcho.”

A pesquisa proposta por Pedro para ingressar no mestrado foi uma costura entre os eixos que estão sempre presentes na sua vida. “O tema do meu pré-projeto foi representatividade nos festivais de música gaúcha. O objeto em si ainda está muito amplo, é preciso delimitar, mas o tema é esse. E isso é também uma questão a resolver, porque, como diz Saramago, ‘é preciso sair da ilha para ver a ilha.’”

Emerson Trindade Acosta,  
estudante do 8.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS